



UMA NARRATIVA SOBRE OS DESAFIOS DE DESENVOLVER UMA PESQUISA ENVOLVENDO NARRATIVAS

Adriana B Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
drideoliveira7@gmail.com

Marilena Bittar
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
marilenabittar@gmail.com

Resumo: Apresentamos nesse artigo resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que tem como foco de estudo as narrativas produzidas por estudantes, de diferentes cursos de licenciatura em Matemática do Brasil, acerca de suas percepções sobre seus cursos. Direcionamos nosso olhar para os sentimentos que despontam nas falas dos licenciandos ao relatarem suas vivências e nos aproximamos de Larrosa para a leitura desses relatos. Trazemos para esse texto recortes da narrativa de duas licenciandas que nos mostram suas movimentações dentro do curso e nos levam a olhá-las como sujeitos da experiência.

Palavras-chave: narrativas; licenciatura em matemática; estudantes.

E se nós fizéssemos uma pesquisa envolvendo estudantes da licenciatura em Matemática de todo o país?

Essa foi a questão disparadora dos movimentos de pesquisa que aqui apresento. As angústias vividas desde o ingresso no doutorado, há dois anos, tiveram como foco a delimitação do objeto de estudo e a maneira como a pesquisa seria conduzida. Desde o princípio, e remeto esse princípio há um período distante do doutorado, ainda quando eu cursava a licenciatura em Matemática, meu interesse sempre foi discutir a formação de professores de matemática, mais especificamente, o meu curso de formação de professores. No trabalho de conclusão de curso que realizei e na sua ampliação e aprofundamento no mestrado, sempre me aproximei das discussões sobre a licenciatura, sobre os saberes que ali são discutidos, sobre os conhecimentos dos estudantes. E esses estudos se deram no

contexto da licenciatura que vivenciei, naquele ambiente que eu conhecia e sentia já compreender os discursos ali existentes. No início dessa nova pesquisa, uma vez mais pensei em me ater a esse mundo conhecido e confortável, porém não foi possível. Havia uma inquietação por ouvir outras histórias, conhecer novos personagens, entender o que acontecia em outros lugares e como acontecia. Então eis que surge aquela questão que dá início a esse texto e às minhas movimentações. E a resposta a ela, é claro, foi positiva.

O primeiro passo havia acontecido; a questão que se colocava então era como desenvolver esse estudo, como me aproximar desses estudantes, como colocar as questões e, mais ainda, quais questões colocar? Meu anseio era ouvir o que esses estudantes queriam falar sobre suas formações, escutar o que fosse interessante para eles e não necessariamente o que eu gostaria de ouvir. Apesar da clareza que eu sentia em relação a isso, ainda assim construí um roteiro de entrevistas para acalmar meu espírito estruturalista. Mas como discutir com o outro ainda é uma das melhores maneiras de ouvir o que estamos dizendo, tive a oportunidade de abandonar meu roteiro, após uma conversa com uma amiga que também cursa doutorado, e encarar apenas uma questão norteadora para meus encontros: Fale sobre seu curso de formação de professores. Outras questões surgiram durante a conversa, porém, na maioria das vezes, estavam relacionadas às falas dos estudantes. Em outros momentos, aqueles em que sentimos que há um esvaziamento das ideias, confesso que me lembrei de questões do roteiro e acabei induzindo algumas discussões. Em outros ainda, perguntei sobre temas que haviam sido levantados em entrevistas anteriores. Mas, de modo geral, tentei assumir uma postura de escuta atenta, pinçando alguns temas de suas falas e investindo nessas discussões.

Assim sendo, iniciei a aventura de contatar professores de cursos de licenciatura em Matemática de universidades públicas das regiões centro-oeste, norte, sul e sudeste do país, e tentar agendar encontros com estudantes da licenciatura. A princípio minha intenção era reunir grupos de 4 a 6 estudantes, ingressantes e concluintes, e realizar a entrevista em grupo, para que suas próprias falas pudessem alimentar a discussão com diferentes assuntos. Entretanto, devido a dificuldade de reunir os estudantes, em alguns locais, nem sempre foi possível garantir essa heterogeneidade do grupo e acabei realizando o encontro com aqueles que se dispuseram a participar. Até o momento visitei 11 instituições, à saber: UFMS, UFMT, UEPA, IFAM, UNIR, UFPR, UFRGS, UFSC, USP, UFMG e UERJ, e realizei um encontro com cada grupo de estudantes de, aproximadamente, 1h40min, em alguns casos um pouco mais em outros um pouco menos. Ainda não sei afirmar se irei até

a região nordeste; disponho de um volume considerável de informações, mas não tenho certezas sobre esse caminho metodológico, apenas desconfio que não farei outros encontros.

À medida que me aproximei da ideia de ouvir os estudantes interessei-me pelos estudos sobre narrativas (Bolívar, 2002) e nessa perspectiva, não me refiro apenas a um texto do gênero narrativo, considero, além disso, as potencialidades desse recurso para expressar as experiências humanas, os sentimentos e as emoções dos narradores. E quando assumi desenvolver uma pesquisa dessa natureza, considero a complexidade que envolve o processo de produção das narrativas, a transformação do texto oral para o texto escrito, e o tratamento dessas informações. O papel reflexivo do investigador perante os relatos, o cuidado em apresentar um tratamento analítico do material, evitando posturas extremistas: considerar a narrativa como um texto autossuficiente ou então valorizar apenas as interpretações do pesquisador. Essas são as principais preocupações que, a cada retomada dos textos teóricos, só aumentam.

Eu arriscaria dizer que o processo analítico dessas narrativas teve início ainda no momento dos encontros, embora naquela época eu ainda desconhecesse o olhar teórico que eu faria sobre essas produções. Eu sempre saí desses encontros com algumas impressões, tentando entender o tom da conversa dos estudantes, a ênfase que eles davam sobre algum aspecto do curso ou então nas relações que tinham com os professores e colegas. No momento das transcrições e textualizações comecei a reforçar essas impressões e observar outras e com isso me aproximar dos escritos sobre experiência de Jorge Larrosa. Um primeiro movimento que comecei, e ainda continuo, mas não tenho certeza sobre a continuidade, é de tentar olhar para os sentimentos que esses estudantes despertaram durante suas falas. Esse seria o tom das conversas. Minha intenção é tratar as singularidades de cada encontro e não realizar uma análise por meio de pontos de confluências. Tratar as singularidades me parece uma forma de fazer, tentar ao menos, um trabalho de escuta dos relatos. O meu trabalho analítico seria no sentido de experienciar as vivências relatadas, discutir o sentido que essas falas despertaram em mim. Isso não é fácil e também não pensei que fosse. Os tremores causados por Larrosa (2016) despertam sentimentos distintos: fascínio, angústia, liberdade, medo de ousar. Ainda sinto que não amadureci nessas leituras, ainda preciso experienciar-las. Ainda me apego a ideias generalistas e prescritivas, mas tenho tentado enxergar tudo isso como um processo, um longo e doloroso processo.

Escolhi, nesse momento, apresentar um trecho, por conta do espaço reduzido, do encontro realizado na Universidade Estadual do Pará. Nessa instituição conversei com três acadêmicas do curso de licenciatura em Matemática, uma concluinte e duas que estão cursando o terceiro ano do curso. Na organização dessa textualização, optei por elencar alguns temas que foram desenvolvidos pelas estudantes para evitar as idas e vindas que a oralidade nos permite realizar, mas que o texto escrito procura desviar-se. Nesse excerto trago as falas de Desirèe, aluna concluinte, e Mayara, estudante do terceiro ano, sobre a acolhida do curso, sobre professores e sobre atuar na educação básica. Na sequência apresento algumas reflexões sobre a escuta dessas falas.

Sobre a acolhida do curso

Mayara

A gente brinca na sala desde o primeiro ano que a UEPA é uma mãe. A gente chega aqui e eles acolhem a gente. Eu lembro que quando eu estava no terceiro ano os meus professores diziam: “Olha, vocês estão brincando muito! pensa que a Universidade é assim? É cada um por si!” E quando eu entrei na UEPA, com certeza, o professor faz a sua parte e nós temos que fazer a nossa, mas eles nos acolhem, como? Eles nos incentivam a fazer projeto, a escrever, a estudar, a correr atrás de coisas melhores, a ir à busca de algo mais e sair daquela mesmice de só ele passar o conteúdo, a gente escrever e ir pra casa. Eles sempre relatam as experiências deles, então é uma forma de influenciar, de dizer pra gente assim: “Vocês estão aqui, vocês conseguiram chegar aqui e vocês podem ir muito mais a frente, só isso aqui não precisa ser o suficiente, vocês têm capacidade de ir mais”.

Sobre Professores

Desirèe

[A participação no projeto] foi uma experiência muito boa e que eu vejo que também foi apoiada pelo grupo de pesquisa que eu [participo] desde o primeiro ano, de educação matemática, e esse grupo de pesquisa foi crucial na minha graduação porque, especialmente a professora Jucá que foi ela quem nos impulsionou desde o começo escrever, ela é nossa professora desde o primeiro ano, ela sempre pega o primeiro ano aqui na nossa graduação na UEPA. Ela é uma professora que sempre exigiu muito da gente, ela sempre te impulsiona, tem aluno que não gosta, tem aluno que só quer estudar Matemática, só que não, ela mostrava que tu podias estudar Matemática e que tinhas que saber escrever o que tu estavas fazendo, que tu tinhas que saber o porquê que tu estavas

fazendo aquilo e isso foi muito importante pra mim na minha graduação. Ter esse apoio, saber que eu tinha alguém pra me ajudar ali e que tinha alguém pra me impulsionar e foi graças a ela mesmo que eu comecei a escrever artigos, eu tenho três ou quatro artigos, mas assim, eu sempre vou lembrar dela como a minha verdadeira impulsionadora nessa área da minha graduação, hoje em dia, tanto que eu vou fazer o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) [com ela], eu volto as minhas pesquisas para a História da Matemática, mas tudo em História lê muito, estuda muito, uma coisa que eu nunca gostei [risos], sério, aliás, eu não gosto muito, mas que eu aprendi que é necessário, eu aprendi o quanto que a gente pode aprender e tudo começou no meu primeiro ano de graduação com essa experiência, com essa professora que é realmente quem me impulsionou até hoje no meu TCC final e ela também sempre foi muito exigente, só tinha que fazer coisas boas senão não passava (risos). Eu acho que, realmente, pra formação de professores, a professora Jucá foi a maior referência do curso e em segundo a professora Acylena, só que a gente começou a lidar com ela [Acylena] mais tarde. Então acho que é nesses primeiros [anos] que tu vê se tu vais querer ser professor mesmo.

Mayara

Todos os professores incentivam. Tem essa rixa dos professores mais puristas falarem que a gente está trabalhando muito com a Educação e esquecendo a Matemática e dos professores de Educação falar que quem trabalha com Educação precisa saber Matemática tanto quanto o professor que trabalha só com essa parte pura. Só que dos dois lados há incentivos, o da Educação incentiva a gente ler e produzir e o da Matemática incentiva a gente sempre estar antenado e discutindo, fazendo exercícios e tudo mais, porque eles dizem pra gente que não basta ter todo esse conhecimento da Educação; quando nós formos pra sala de aula nós temos que ter conteúdo e isso é uma completa realidade. Então esse incentivo vem de ambos os lados, eles cobram mesmo, não importa se a gente está com um trabalho pra entregar aqui e uma prova aqui, não existe, eles dizem que nós temos que saber dividir o nosso tempo porque nós estamos na graduação pra ser professores, então nós temos que ter ciência disso, que nós temos que nos preparar para ensinar, para passar conteúdo, é uma coisa muito bacana.

Sobre atuar na Educação Básica

Desirèe

E o mais interessante do curso da UEPA é que realmente ele não te prepara só para acabar a graduação e ir procurar um emprego, ele realmente é um curso que tu nem

ouves falar esse tipo de coisa [...] o professor já avisou pra gente olhar a inscrição do mestrado: “vamos nos inscrever, estudar pra fazer a prova!” então são professores que te ensinam realmente a continuar e isso pra mim é o mais importante, tanto que as pessoas saem, na verdade, não tem ninguém da minha sala que vai terminar o curso e vai falar assim: “Bem, agora eu vou procurar uma escola pra eu dar aula”. Está todo mundo querendo conhecer mais. Particularmente eu não vejo tanto esse lado de ir pra Educação Básica, assim... principalmente os professores de Educação falam que é necessário que a gente tenha essa experiência, só que sempre é assim: “Nunca fique ali”... como eu posso dizer... o professor ele vai ter o que contar quando ele viver entendeu, é sempre isso, não exatamente vamos focar para a Educação Básica, porque realmente eu não vejo muito assim.

Retomo minha narrativa dessa forma

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos [...] as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. (LARROSA, 2016, p.17)

Sinto nessa colocação de Larrosa o conforto para trazer as palavras que Mayara e Desirèe fizeram uso para exporem seus sentimentos e suas percepções sobre a formação que estão vivenciando. O trecho da entrevista que escolhi também não deixa de ser a forma como eu relaciono as palavras delas como as minhas, o sentido que dou àquilo que elas sentem e uma forma de expressar os sentimentos que em mim foram despertados com essa conversa.

Percebo Mayara e Desirèe com características daquilo que Larrosa (2016, p.28) considera como sendo o sujeito da experiência “um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido”. Suas falas sinalizam a receptividade com que estão vivenciando a formação inicial e a paixão com que se colocam abertas e disponíveis para ouvir os professores e participarem das atividades do curso.

Senti que Desirèe e Mayara quiseram enfatizar que os professores, com os quais tiveram contato nesse processo formativo, incentivam os estudantes a se movimentarem dentro do curso e a vivenciarem diferentes situações que não só a sala de aula, como, por exemplo, a escrita de artigos e a participação em projetos. E essas movimentações são sentidas por Mayara como um acolhimento e por Desirèe como algo impulsionador. Tenho

também a impressão que, além de haver esse encorajamento por parte dos professores, a abertura com que essas estudantes percebem essas movimentações é de fundamental importância.

Um ponto que me chama a atenção na narrativa de Desirée é a forma como ela se coloca nesse momento de conclusão do curso, o desejo de conhecer mais e a não intenção de procurar uma escola de imediato para atuar como professora. Lanço dois olhares para essa situação. Posso entender essa vontade de Desirée como sua aspiração pessoal, o seu interesse em buscar cada vez mais o conhecimento e de se preparar para então atuar em uma escola. Penso também que as práticas vivenciadas durante o curso podem ter sido legitimadas por Desirée como um modelo de formação que se aproxima de seus anseios; ela evidencia a importância de ter trabalhado com uma professora exigente, que sempre cobrou dela o seu melhor e sempre a impulsionou.

Outro olhar me faz pensar sobre uma suposta negação de Desirée, da escola como um possível local de trabalho, apoiada em manifestações de professores do curso. Quando ela coloca que o curso não os prepara para atuar *só* na escola e que ela e sua turma querem *conhecer mais* me questiono uma vez mais sobre o objetivo de um curso de licenciatura em Matemática e o como olhamos para a escola. Sinto também nessa fala um olhar arredio para a escola e, então me questiono: Como a escola tem sido pensada dentro de um curso de formação de professores? Além de visitar esse espaço para a realização de estágios e projetos, como mais nos aproximamos desse local? A fala de Desirée me faz pensar a escola como um local de passagem e não como um fim, uma experiência importante a ser vivenciada, inclusive recomendada, porém não desejada.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, A. (2002). “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 4 (1).

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.